

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

História

Edição revisada 2016

Fascículo 5
Unidades 9 e 10

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração de História

Gilberto Aparecido Angelozzi

Gracilda Alves

Sabrina Machado Campos

Denise da Silva Menezes do Nascimento

Márcia Pinto Bandeira de Melo

Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone

José Ricardo Ferraz

Priscila Aquino da Silva

Inês Santos Nogueira

Renata Moraes

Erika Arantes

Maria José Carvalho

Rafael Cupello Peixoto

Gustavo Souza

Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa

Anna Maria Osborne

José Meyohas

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional

Anna Maria Osborne

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Camille Moraes

Filipe Dutra

Fernanda Novaes

Larissa Averbug

Mario Lima

Núbia Roma

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 9 | Nacionalismo, Xenofobia e Guerras no século XX 5

Unidade 10 | O Brasil e o mundo entre 1930 e 1950 43

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Como você pode verificar no mapa da América Latina, a espacialização das fronteiras é feita por duas de suas que definem os territórios dos diversos países existentes no mundo.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas formas, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios. Há fronteiras administrativas, departamentos, províncias e municípios. Há fronteiras culturais e compreendem a sua divisão territorial de acordo com a sua cultura e comportamento.

Os indivíduos que formam um povo são em comum aspectos culturais, como língua, religião, história, cultura, entre outros. Podem ser povos de diferentes culturas, como os povos indígenas da Índia, da China, da Rússia, entre outros povos, que vivem sob a influência de um poder político central.



Nacionalismo, Xenofobia e Guerras no século XX

Fascículo 5
Unidade 9

Nacionalismo, Xenofobia e Guerras no século XX

Para início de conversa

“Em um mundo de cordeiros, preferimos ser lobos”

(Máxima Neonazista seguida pelos skinheads – In: SALAS, Antonio. *Diário de um skinhead*. Um infiltrado no movimento neonazista, São Paulo: Planeta Brasil, 2006, p.93)



Figura 1: Inscrição em parede da UFF sobre as condições de um negro típico na Universidade



Figura 2: Protesto de um grupo de white powers em Alberta, no Canadá



Figura 3: Grupo de Skinheads em Curitiba-PR

Você deve estar se perguntando: O que estas imagens da página anterior têm em comum? Qual a sua relação com a frase que está ao lado das imagens? Saiba que tanto a frase quanto as imagens estão relacionadas aos movimentos neonazistas, também conhecidos como skinhead.

Você já ouviu falar em neonazismo? E em *skinhead*? Sabe quais os objetivos desses grupos? Como eles agem? Em sua maioria, são jovens que agem com violência contra grupos minoritários. Normalmente, aparecem associados a episódios de violência, assassinatos e ira. Em Curitiba, um *skinhead* foi condenado a 14 anos de prisão pela morte de um rapaz que saía de um shopping. Ele e seu grupo pensaram que o jovem pertencia ao movimento punk – inimigo dos *skin*. Em Niterói, um grupo de *skinhead* foi detido por agressões a um nordestino. Outro *skinhead* foi preso, em Belo Horizonte, por postar uma foto numa rede social tentando enforcar um morador de rua. Todas são notícias de 2013.

As notícias sobre eles evidenciam o tom de intolerância e vandalismo. São jovens que andam em grupo e matam pela diferença, destroçam estabelecimentos, espancam grupos opostos ou minorias étnicas e sexuais. Mas onde será que nasceu esse movimento e qual a raiz de tanto ódio?

O movimento *skinhead* surgiu na Inglaterra na década de 60, uma época de ebulição social. Eram rapazes que começaram a misturar elementos culturais com música, cerveja, violência e o mundo do futebol, tornando-se figuras carimbadas nas torcidas fanáticas pelas cores de seus times. A roupa mais característica desses jovens são botas militares, suspensórios, jaquetas, calça jeans e a cabeça raspada, por isso o termo *skinhead* que significa cabeça raspada.

Mas os primeiros *skinheads* faziam parte de um movimento social apolítico. A imigração acaba por dar ao movimento a deixa para a **xenofobia**. A crise do petróleo, na década de 70, trouxe vários problemas econômicos para a Inglaterra, e atraiu os *skinheads* para a extrema direita. Nesse momento, o movimento começa a ter a conotação neonazista que é sua marca nos dias atuais.

Xenofobia

Aversão a pessoas e coisas estrangeiras; aversão a pessoas estranhas ao meio daquele que as julga ou que vêm de fora do seu país. A xenofobia pode ter como alvo não apenas pessoas de outros países, mas de outras culturas, outras crenças e valores. Essa aversão pode gerar ódio, preconceito, agressão e desejo de eliminar o “Outro”.

Com o lema “Honra e Fidelidade”, característico da juventude nazista, os *skinheads* transpõem a Inglaterra para se espalhar primeiro para a Europa e depois para vários cantos do mundo. Inclusive no Brasil, como vimos. Esse movimento baseia-se nos ideais arianos de homem superior que nasceram com o movimento nazista da Alemanha da Segunda Guerra Mundial. Os *skinheads*, assim como os nazistas, acreditam que existe uma “raça pura ariana”. Por isso, promovem o ataque físico àqueles considerados inferiores – homossexuais, negros, latinos, judeus.

Essa teoria foi responsável pelo horror do Holocausto – a perseguição e o extermínio de seis milhões de judeus e outros grupos minoritários, como ciganos e homossexuais, nos campos de concentração nazistas. Essa ideologia ainda está viva nos corações e mentes de muitos jovens que seguem essas ideias de violência, ódio e segregação racial.

Para entender o mundo em que vivemos, muitas vezes temos que recorrer à História. É nela que encontramos respostas, que descobrimos pistas e formamos opiniões sobre fatos, como o desenvolvimento do nazismo, que ainda hoje vive nos *skinheads*. Esses jovens que perseguem os pobres, negros, homossexuais e nordestinos no Brasil, possuem uma História.

Para desvendá-la é preciso retornar à I Guerra Mundial com o objetivo de tentar compreender o nacionalismo insuflado, que motivou o ódio e a xenofobia, bem como entender como a Alemanha sai da guerra como grande prejudicada através de um tratado desigual que desencadeia um sentimento de revanche. Essa guerra gera tensões tão graves que estão associadas ao surgimento do primeiro país socialista do mundo. Imagine só: uma revolução operária e camponesa na Rússia, em 1917.

É necessário também compreender um mundo onde os Estados Unidos da América (EUA) se projetam como líder no Ocidente, e no qual a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a perspectiva de internacionalização da revolução trazem novos ingredientes para as relações internacionais. Esse também é o momento em que a Europa amarga os custos de uma guerra prolongada. E é no coração dos EUA que nascerá uma crise econômica, provocada pela Queda da Bolsa de Nova York, em 1929. Depois disso, a Europa irá afundar na II Grande Guerra, que seria em tudo uma continuação das rivalidades e conflitos que deflagraram a I Guerra Mundial. E será neste contexto que o nazismo e o fascismo revelarão sua face mais cruel ao mundo.

São esses os assuntos principais da Unidade que começa agora. Então? Vamos mergulhar na História?

Objetivos de aprendizagem

- Compreender o contexto histórico da eclosão da I Guerra Mundial;
- Discutir a dinâmica da guerra como estratégia de poder;
- Refletir sobre os problemas e consequências da guerra;
- Entender o impacto sociopolítico da crise econômica do Entreguerras;
- Caracterizar o processo revolucionário socialista;
- Compreender os conceitos de Fascismo e Nazismo.

Seção 1

A Primeira Guerra (1914-1918): “As luzes se apagam na Europa”

Imagine viver em um momento da História visto por muitos homens da época como o fim do mundo ou os últimos dias da humanidade. Essa era a sensação sombria daqueles que vivenciaram o período da Grande Guerra, como era conhecida a I Guerra Mundial. Tanto que o secretário de Relações Exteriores da Grã-Bretanha declarou, ao observar um momento em que seu país estava em luta contra a Alemanha: “As luzes se apagam em toda a Europa”.

A Europa entra nessa “longa noite” ao iniciar um conflito bélico em dimensões nunca antes vistas. A História não conhecia até então guerras com alcance mundial. Em 1914 tudo mudou. A I Guerra envolveu todas as grandes potências e quase todos os Estados europeus. Além disso, países dos outros continentes, tais como Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Índia, China, EUA e África enviaram tropas e trabalhadores, se envolvendo diretamente na guerra. Pelo mar, as guerras navais e submarinas também deram o tom global desse conflito.

Mas a escuridão que tomava conta da Europa em 1914 fazia parte de um processo anterior. Podemos indicar, em primeiro lugar, a formação de Estados Nacionais tardios, como Alemanha e Itália, que só se unificaram no século XIX. Essas potências tinham ficado em desvantagem na partilha imperialista realizada na Ásia e na África, sendo-lhes deixados territórios desvalorizados para exploração. A Alemanha, por exemplo, reivindicava a redivisão do território partilhado. Afinal, não podemos esquecer que possuir colônias representava ter um mercado consumidor privilegiado para os produtos industrializados, além de matérias-primas baratas – dois fatores muito importantes para países industrializados.

As tensões geradas por esse cenário deram início a uma corrida armamentista conhecida como **Paz Armada**. Outro fator importante que lançou a Europa rumo às armas foram as rivalidades anteriores entre as nações. Os conflitos foram responsáveis pelo despertar de um sentimento nacionalista exacerbado. O nacionalismo é um princípio que sustenta a unidade política e cria um sentimento de pertencimento. No período estudado, o patriotismo, o amor a Pátria, foi incentivado nas escolas primárias e secundárias através de uma propaganda nacionalista. Mas muitas vezes essa ideia é radicalizada e o nacionalista passa a acreditar que sua nação é melhor ou superior às outras. Neste caso, o nacionalismo pode resultar na xenofobia e racismo, levando a perseguições ao outro e gerando conflitos.

Paz Armada

Paz Armada é uma expressão utilizada para caracterizar a ausência de guerras envolvendo mais de duas potências europeias, do fim da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) até a eclosão da I Guerra Mundial em 1914, daí o termo “Paz”. Ao mesmo tempo, nesse período se intensificava a produção de armas em larga escala nas indústrias – por isso o uso da palavra “Armada”.

Nesse contexto de consolidação de identidades, alguns Estados buscavam aproximações e criavam mecanismos de ajuda mútua com países que consideravam seus aliados e ao mesmo tempo acentuavam-se as rivalidades entre aqueles que eram tidos como seus opositores. Assim, por um lado tínhamos:

- **Pan-germanismo.** Proposta de aproximação dos germânicos da Alemanha e do Império austro-húngaro.
- **Pan-eslavismo.** Proposta de aproximação dos povos eslavos, com a Rússia fornecendo apoio à Sérvia.

E, por outro lado, os principais antagonismos dos países posteriormente envolvidos na I Guerra:

- **Anglo-germânico.** A Alemanha, unificada tardiamente, se joga na corrida imperialista e ameaça a hegemonia inglesa.
- **Franco-alemão.** Associado ao Revanchismo francês, sentimento causado pela derrota na Guerra Franco-Prussiana. Além da derrota, a França perdeu territórios, como a Alsácia e Lorena, região rica em minério de ferro, para a recém-fundada Alemanha. Para piorar, a criação da Alemanha aconteceu dentro do salão de espelhos do Palácio de Versalhes, símbolo do poder francês desde Luís XIV, o Rei Sol.
- **Austro-russo.** Gira em torno do apoio russo dado à Sérvia, foco de ações nacionalistas antiaustríacas.
- **Russo-alemão.** Disputa em torno do Estreito de Dardanelos.
- **Austro-sérvio.** A Sérvia fomenta agitações nacionalistas dentro do Império Austro-Húngaro.

Essas rivalidades resultaram na formação de alianças que dividiram a Europa em dois blocos antagônicos: Tríplice Aliança (Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro) e Tríplice Entente (França, Grã-Bretanha e Império Russo).



Figura 4: Países da Tríplice Entente e da Tríplice Aliança



Figura 5: Francisco Ferdinando e sua esposa pouco antes de morrer

A I Grande Guerra apresentou várias novidades em termos de estratégias e recursos bélicos. Aviões, submarinos, tanques, metralhadoras foram empregados de maneira inédita em um conflito de grandes proporções. As movimentações das tropas também seguiam uma nova lógica. Pela movimentação rápida e o deslocamento dos alemães – que pretendiam vencer a guerra rapidamente – em duas frentes, o primeiro ano da guerra é conhecido como Guerra de Movimento (1914-1915). A estratégia militar alemã era adotar uma campanha relâmpago. A tática quase deu certo. As tropas alemãs avançaram sobre a França e foram detidas a alguns quilômetros de Paris apenas cinco ou seis semanas depois da guerra declarada. Começou aí a chamada Guerra de Trincheiras, que fixaria a posição alemã na Bélgica e em parte da França. Nenhum dos lados conseguia avançar.



Figura 6: 1ª. Guerra Mundial – Máquinas de Guerra

A Frente Ocidental se tornou uma máquina de morte sem precedentes. As trincheiras tiraram a vida de milhões de homens. Um exemplo da mortalidade dessa guerra foi a Batalha de Verdun (1916) que envolveu 2 milhões de homens e teve 1 milhão de mortos. Os ingleses interferiram para barrar os alemães nessa ofensiva à França, o que custou à Inglaterra 420 mil mortos. Os envolvidos no conflito perderam parte de uma geração com menos de 30 anos. As baixas da Primeira Grande Guerra foram: 116 mil americanos; 1,6 milhão de franceses; 800 mil britânicos; 1,8 milhão de alemães.

Com a Frente Ocidental paralisada, os alemães invadiram a Rússia e obtiveram segundas e fáceis vitórias. Não tendo a mesma tecnologia de guerra que tinham os alemães, os soldados russos morreram aos montes. Em 1917, os bolcheviques – grupo revolucionário socialista russo – tomaram o poder e fizeram uma paz em separado com a Alemanha, retirando a Rússia da guerra.



Figura 7: As trincheiras

Na Frente Oriental, a Alemanha estava vitoriosa, mas como romper o impasse na Frente Ocidental da guerra? Os dois lados utilizaram tecnologias para vencer a guerra. Os alemães, sempre fortes em química, levaram os gases venenosos para os campos de batalha. Foi um artifício bárbaro que causou repulsa da comunidade internacional. E em 1925 a Convenção de Genebra proibiu o uso de armas químicas em campo de batalha. A arma que teve efeito importante durante a Primeira Guerra foi, de fato, o submarino. Através de ataques submarinos os dois lados pretendiam matar de fome os civis do lado adversário.

Os submarinos também foram importantes no envolvimento da América na guerra. Atribui-se ao ataque de submarinos alemães contra navios americanos a entrada dos Estados Unidos na Guerra ao lado da Entente. A saída norte-americana da neutralidade foi decisiva para o fim da guerra, pois promove um desequilíbrio no conflito. Enfraquecida, a Alemanha assina um armistício em novembro de 1918 que põe fim à guerra.

Após os tratados de paz, criou-se um novo mapa europeu, com o fim dos quatro grandes impérios, o russo, o alemão, o austro-húngaro e o turco-otomano. Além das duras condições impostas por tratados desiguais, todos os derrotados tiveram seus territórios bem reduzidos. Que tal você dar uma olhada no mapa europeu antes e depois da Guerra, para visualizar as mudanças geopolíticas na Europa?

Primeira Guerra Mundial (Mapa comparativo)

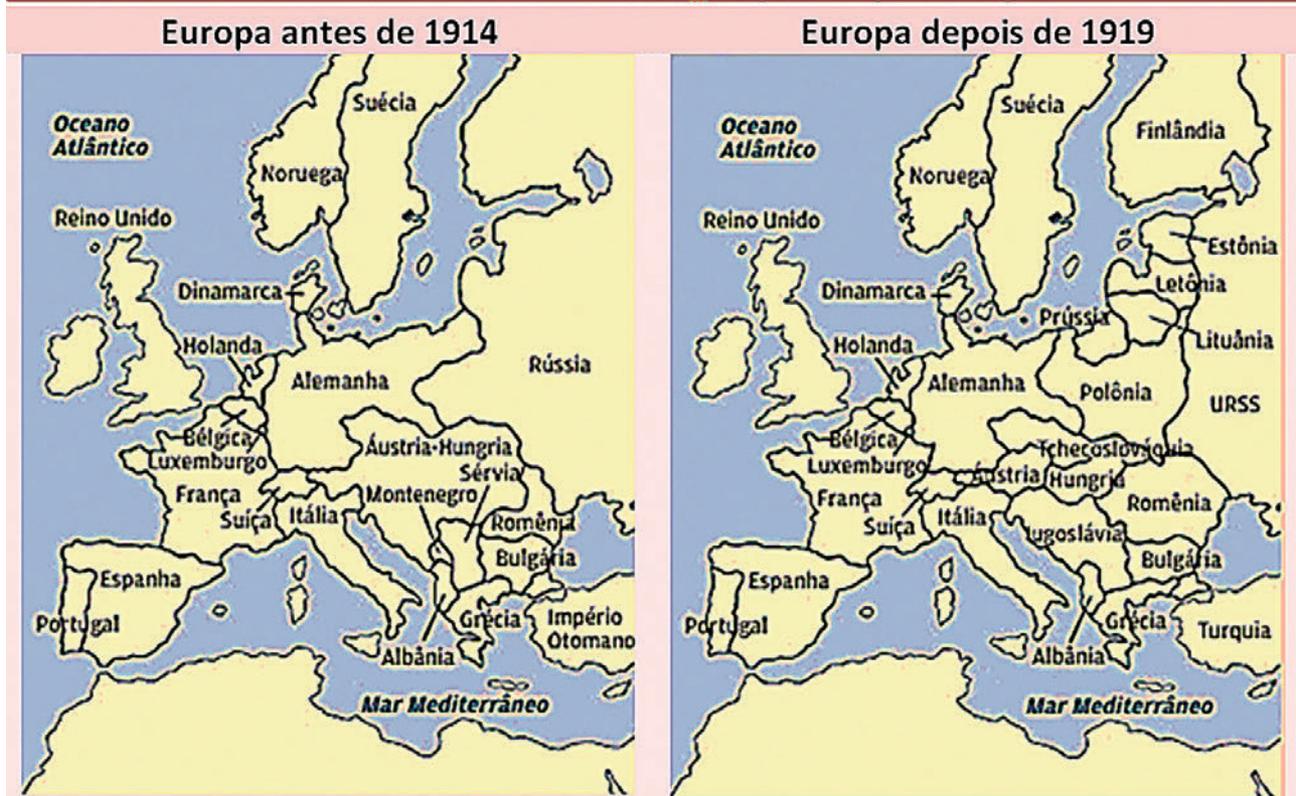


Figura 8:

Vários acordos foram impostos pelas potências vitoriosas aos vencidos após o fim da guerra. A maioria dos estudiosos entende que eles representaram a semente da Segunda Guerra Mundial, pois foram travados tendo como objetivo uma “vitória total”. E impregnados de sentimentos nacionalistas, os vencedores não agraciaram os perdedores com concessões.

Vamos tomar como exemplo o mais famoso deles: o Tratado de Versalhes. Esse tratado é específico da Alemanha e define os termos de paz para o fim da guerra. O texto afirmava que a Alemanha era “a única culpada pela guerra”. Impunha à Alemanha perdas territoriais, a perda de todas as colônias, grandes indenizações de guerra, ocupação militar provisória e restrição quase total à formação de um exército, marinha e aeronáutica.

Essas imposições e punições, além de não serem completamente cumpridas, levaram a insatisfações e tentativas de pôr fim aos acordos que tinham em si os principais motivos que levaram à II Guerra Mundial, como muitos já previam mesmo em 1918.

Desemprego, destruição, muitos jovens mutilados pelos horrores da guerra e uma economia destruída são as consequências nefastas desse conflito. A Europa saiu da Guerra arrasada financeira e socialmente. Deixou de ser o centro de poder político e econômico, passando esse posto para os Estados Unidos que se beneficiaram ajudando na reconstrução da Europa.

Memórias do front

“

A Humanidade é louca. Tem de ser louca para fazer o que está a fazer. Que massacre! Que cenas de horror e carnificina! Não encontro palavras para exprimir as minhas emoções. O Inferno não deve ser tão mau. Os homens são loucos!

(Diário de um tenente francês em Verdun, morto por um projétil de artilharia. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Verdun)

”

“

O odor fétido nos penetra garganta adentro ao chegarmos na nossa nova trincheira, a direita dos Ésparges. Chove torrencialmente e nos protegemos com o que tem de lonas e tendas de campanha afiançadas nos muros da trincheira. Ao amanhecer do dia seguinte constatamos estarrecidos que nossas trincheiras estavam feitas sobre um montão de cadáveres e que as lonas que nossos predecessores haviam colocado estavam para ocultar da vista os corpos e restos humanos que ali haviam.

(Raymond Naegelen na região de Champagne. In: <http://www.amadeuw.com.br/livro.php?c=60&id=1202&t=Hist%F3ria&pagina=2>)

”

A partir da leitura do texto, identifique duas características que estejam presentes em ambos os textos e expressem os sentimentos e as condições de vida dos combatentes **nessa fase da Primeira Guerra**.

Anote suas respostas em seu caderno



Seção 2

A Revolução Russa

Observe a imagem ao lado. Ela representa a família do último czar (imperador) russo, Nicolau II (1895-1917). Repare que os personagens têm auréolas, assemelhando-se a santos. O Artigo I das Leis Fundamentais do Império (1892) assim resumia: “O imperador de todas as Rússias é um monarca **autocrata** e ilimitado. O próprio Deus determina que o seu poder supremo seja obedecido, tanto por consciência como por consideração do czar como um “paizinho”, protetor do povo russo”.

Autocrata

1. Monarca absolutista.
2. Título oficial dos antigos czares da Rússia.
3. Aquele ou aquela cujo poder não depende de nenhum outro.

Fonte: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Autocrata.html>



Figura 9: Ícone apresentando a família do último czar russo

Sabe por que a referência às *Rússias*? É que, em verdade, o Império havia conquistado e submetido poloneses, ucranianos, bielo-russos, letões, estonianos, lituanos, finlandeses, ao ocidente, e georgianos, armênios e azerbaijanos, na região do Cáucaso. Na Ásia, dominava o Cazaquistão, o Turquestão, Turquemênia, o Pamir, entre outros. Seu vasto domínio ia até a Manchúria, no nordeste da China, transformada em área de influência. Desprezando a língua e a cultura locais, a rigidez cristã russa proibia as demais religiões e submeteu as nacionalidades não russas a um processo de russificação. Muitos dos conflitos nas cidades e no campo encobriram aspectos da dominação dos russos sobre os não-russos, a quem eram reservados os piores postos de trabalho, as terras menos férteis, as posições mais degradantes. O culto à superioridade da raça eslava favoreceu esta posição.



Figura 10: Império Russo em fins do XIX

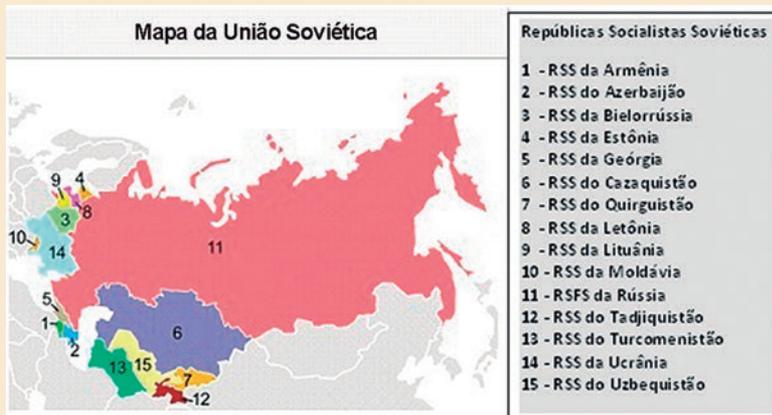


Figura 11: Mapa da URSS

Observando os mapas, responda:

- Apresente duas diferenças na configuração geopolítica da Rússia.
- Quais os eventos históricos que estão relacionados a essas diferenças?

Anotar suas respostas em seu caderno

Atividade
2

Na virada do século XIX para o XX, 79% da população russa vivia no campo. Na nascente indústria urbana, 75% dos operários eram recrutados nas aldeias próximas às cidades. A comuna rural, instituída pelo Estatuto de Abolição da Servidão (1861), passou por uma lenta e gradual desagregação, seja pelo endividamento e miséria dos camponeses, seja pelas pressões da industrialização e do desenvolvimento capitalista. Neste cenário, 72% dos investimentos são feitos por bancos internacionais. Até 1905, os trabalhadores russos não tinham direito à greve nem à organização sindical. O exército e a polícia política *Okhrana* eram especialistas em repressão de revoltas populares.

“

Nós, os trabalhadores de São Petersburgo, juntamente com nossas mulheres, nossos filhos e nossos infelizes e velhos pais, nos dirigimos todos a Ti, nosso Soberano, buscando justiça e proteção. Estamos na miséria, oprimidos, sobrecarregados de trabalho. Desprezados, não somos sequer considerados homens. Somos tratados como escravos que devem aceitar em silêncio seu amargo destino. Já suportamos tudo isso, mas agora nos enterram cada vez mais na miséria, na ausência de direitos, na ignorância. O despotismo e o arbítrio nos sufocam; vamos morrer afogados. Faltam-nos as forças. Soberano, estamos no fim de nossa paciência. Chegamos ao momento terrível em que a morte é preferível à continuação desses tormentos insuportáveis.

(Petição dos Operários ao Czar. In: SALOMONI, Antonella. *Lenin e a Revolução Russa*. São Paulo, Ática, 1995, p.22.)

”

O trecho acima é parte de uma petição, um pedido, dos operários a ser entregue ao czar,, no domingo, 9 de janeiro de 1905. Repare que o documento se refere ao monarca como “nosso Soberano” e parece esperar que denúncias nele contidas mobilizem a proteção do *paizinho Imperador*. Sabe o que ocorreu neste dia? Mais de 100 mil trabalhadores se dirigiram ao Palácio de Inverno, em São Petersburgo. Um dos objetivos era entregar esta petição. Mas o grupo foi recebido a tiros que mataram centenas de trabalhadores, mulheres, velhos e crianças, no episódio que ficou conhecido como Domingo Sangrento. Estava aceso o estopim de manifestações e greves por todo o Império.



Figura 12:

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Russian_Revolution,_1905_Q81561.jpg



Figura 13:

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bloody_Sunday1905b.jpg

A situação de penúria havia se agravado com o fracasso da Rússia na guerra contra o Japão, em 1904. O povo reivindicava melhores condições de vida e de trabalho, direito à greve, reforma agrária e uma Assembleia Nacional. Os sovietes – conselhos de operários, camponeses e soldados, órgão eleito pelo povo – se multiplicam.

O czar ofereceu concessões. No manifesto imperial de outubro de 1905, convocou a Assembleia – Duma pan-russa – e deu início à reforma agrária. Todavia, tão logo o movimento social recuou, os sovietes foram dissolvidos, a Duma submetida ao Imperador, a reforma agrária minimizada.

Tudo perdido? Nem tanto. O movimento social aprendera algumas lições. A esperança na proteção do czar era vã. Restava ao povo a defesa do povo. O que fazer nessa nova situação?

A revolta popular cresceu. Greves se avolumaram. Soldados se rebelaram.



Contudo, é claro que, quando o czar caiu, uma proporção relativamente pequena do povo russo sabia o que representavam os rótulos dos partidos revolucionários, e os que sabiam em geral não eram capazes de discernir seus apelos rivais. O que sabiam era apenas que não mais aceitavam a autoridade – nem mesmo a autoridade dos revolucionários que diziam saber mais que eles.

(HOBSBAWM, Eric. A era dos extremos. p 67)



No Governo Provisório que se formou após a queda do czar, soviete e Duma configurariam uma dualidade de poderes. O soviete de Petrogrado elegeu uma direção provisória formada por socialistas revolucionários, mencheviques, bolcheviques, trabalhistas e etc., conclamou o povo a criar seus próprios órgãos de governo, formou uma milícia operária e passou a liderar as unidades militares.

Após uma tentativa de restaurar a monarquia, a Duma decidiu-se por um governo liberal, comprometido com a guerra e com as alianças tradicionais. A ordem das coisas ficava mantida. Foram negadas: a jornada de 8 horas de trabalho, a reforma agrária, o direito de autogoverno das nacionalidades não-russas, a democratização das forças armadas e, pior, a Rússia se manteria na I Guerra Mundial.

Mas a população não aceitaria tudo isso passivamente. O povo precisava de pão, esperava pela terra e ansiava pela paz. Em todo o país os camponeses, organizados em Comitês Agrários, começaram a implementar a distribuição igualitária das terras. Eram centenas de rebeliões ao longo de poucos meses. As nações não-russas levantavam-se por independência. Nas cidades, operários organizados nos Comitês de Fábrica mantiveram-se em greve e arrancaram conquistas. Com a recusa dos sovietes de tomar o poder, os bolcheviques redirecionaram seu discurso. Falava-se agora em “Todo poder aos camponeses e operários”. E em outubro de 1917, liderados por Lênin, assumem o poder na Rússia.

A consolidação do poder bolchevique estendeu-se de 1917 até 1921, período que devido às ameaças externas e internas ao processo revolucionário ficou conhecido como Comunismo de Guerra ou Guerra Civil. Do lado bolchevique lutava o Exército Vermelho, comandado por Trotsky. O Exército Branco, do lado da contrarrevolução, era composto por monarquistas, aristocratas, liberais e alguns setores do socialismo revolucionário, apoiados pelas potências capitalistas. Para “salvar a revolução”, o governo implementou medidas centralizadoras de controle da produção industrial e agrícola, priorizando o apoio dos sindicatos – que não haviam participado da revolução – no lugar dos comitês de fábrica e comitês agrários, tão ativos na tomada do poder. Atrelados ao Estado, os sindicatos auxiliaram na implementação dos campos de trabalhos forçados. Tribunais disciplinares em cada fábrica puniam comportamentos considerados incorretos.

Contra todas as expectativas, a Revolução sobreviveu. Os inimigos externos, exaustos pela Grande Guerra, não reuniam forças para manter a luta na Rússia, contra o governo bolchevique. Na avaliação de Hobsbawm, a persistência foi possível, pois o exército de 600 mil militantes orgânicos do Partido Comunista garantia um instrumento de poder único, centralizado e disciplinado capaz de manter a Rússia integral. Além disto, o otimismo dos camponeses que tiveram, finalmente, acesso a terra garantiria fôlego nos momentos mais difíceis.

Imagine o quadro: no mês de outubro de 1917, uma enorme crise varre a Rússia. Faltam alimentos, a inflação corrói os salários, os transportes públicos não funcionam. Por toda parte os trabalhadores se mobilizam para assumir o controle do emprego e da produção. No campo, a insurreição avança e a terra é entregue aos camponeses. Nas frentes de batalha da Primeira Grande Guerra a desmoralização das tropas russas salta aos olhos: deserções, indisciplina, execução de oficiais. Nas cidades os “soldados estavam dispostos a tudo... menos combater”. (REIS FILHO, 1983, p. 61)

Na noite de 24 para 25 de outubro, o soviete de Petrogrado ocupa os principais pontos da cidade e anuncia a deposição do governo. Apoiado pelo Comitê Militar Revolucionário e pela Guarda Vermelha, o movimento é vitorioso na capital. A adesão maciça surpreende a todos. Os Comitês Agrários enviam apoio aos revoltosos. “Todo o poder aos sovietes”. A primeira revolução socialista da História havia se consolidado. Soldados, operários e camponeses se confraternizam.

Já no dia 26 são aprovadas as primeiras medidas do novo governo: abolição da pena de morte, liberdade de reunião para os soldados, revogação das medidas adotadas pelo governo anterior. E um decreto sobre a terra definiria a abolição da propriedade privada e do trabalho assalariado, a distribuição da terra, sem nenhuma indenização aos antigos proprietários. Parece surpreendente?

Essa indagação seria suficiente para convidar para convidar você a conhecer a Revolução Russa (1917). Há, entretanto, muitos motivos mais! Na avaliação de Hobsbawm, a Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado da história moderna. Nos trinta anos que se seguiram ao evento, diversos outros movimentos levaram um terço da humanidade a viver sob regimes diretamente derivados do exemplo russo e do modelo organizacional implementado por Lenin, o Partido Comunista.

Conforme você verá em outra unidade, tomando a Revolução Russa como modelo, vários países adotaram medidas socialistas como uma alternativa ao mundo capitalista, que passou a ter como líder os Estados Unidos. Podemos citar como exemplo latino-americano a Revolução Cubana. Em termos mundiais, a revolução socialista que envolveu maior contingente de pessoas foi a Revolução Chinesa (1949), liderada por Mao Tsé-Tung. Além disto, o comunismo soviético, ao se proclamar um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e fazê-lo tanto do ponto de vista nacional como internacional, na perspectiva de uma revolução proletária mundial, oferecia o enredo para lutas locais.

A Mulher na Revolução Russa

Observe as imagens e leia os textos abaixo:

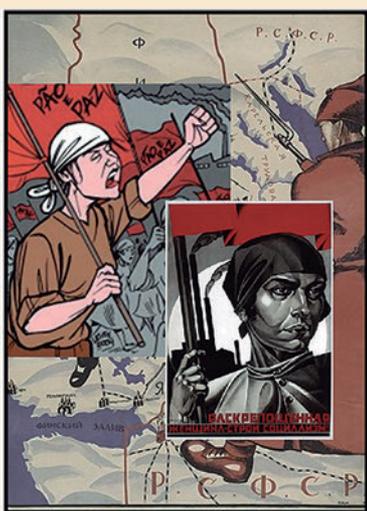


Figura 14:

Fonte: Imagem elaborada a partir de <http://www.etno.com.br/tags/revolucao-russa/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917

<http://historiativanet.wordpress.com/2011/12/12/revolucao-russa-parte-ii-revolucoes-de-1917/>



Figura 15:

Fonte: <http://newint.org/features/1999/01/01/labour/> Adaptado.

1.

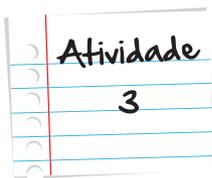
“

As mocinhas das províncias continuavam chegando à capital para aprender francês e estudar canto (...). Mulheres da pequena burguesia saíam todas as tardes para o passeio ou chá, levando consigo o minúsculo açucareiro de ouro ou prata e um pãozinho escondido (...), repetindo nas conversas fúteis que faziam votos pela volta do czar (...). A filha de um amigo meu chegou um dia a minha casa sufocada com a indignação porque uma mulher, condutora do bonde, a havia chamado de “camarada”.

(REED, J. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Ed Sociais, 1975, p.45)

”





2.



Se alguém olhar para o passado, poderá vê-las, essa massa de heroínas anônimas que Outubro encontrou a viver nas cidades famintas, em aldeias empobrecidas e saqueadas pela guerra... O lenço na sua cabeça (muito raramente, até agora, um lenço vermelho), uma saia gasta, um casaco de inverno remendado... Jovens e velhas, mulheres trabalhadoras e esposas de soldados, camponesas e donas de casa das cidades pobres. Mais raramente, muito mais raramente nesses dias, secretárias e mulheres profissionais, mulheres cultas e educadas. Mas havia também mulheres da intelligentsia entre aqueles que carregavam a Bandeira Vermelha à vitória de Outubro – professoras, empregadas de escritório, jovens estudantes nas escolas e universidades, médicas.

Elas marchavam alegremente, generosamente, cheias de determinação. Elas iam a qualquer parte que fossem enviadas. Para a Guerra? Elas colocavam o quepe de soldado e tornavam-se combatentes no Exército Vermelho. Se elas portassem fitas vermelhas no braço, então corriam para as estações de primeiros-socorros para ajudar a Frente Vermelha contra Kerenski na Gatchina. Trabalhavam nas comunicações do exército. Trabalhavam felizes, convictas que alguma coisa significativa estava a acontecer, e que nós somos todos pequenas engrenagens na única classe revolucionária.

Nas aldeias, a mulher camponesa (os seus maridos tinham sido enviados para a Guerra) tomava a terra dos proprietários e arrancava a aristocracia dos postos onde ela se alojou por séculos..."

(Alexandra Kollontai, primeira mulher a fazer parte de um governo no mundo. Texto escrito no décimo aniversário da Revolução de Outubro. In: Diário das Mulheres, nº 11, Novembro de 1927. Disponível em <http://www.diarioliberalidade.org/mundo/mulher-e-lgbt/34701-hist%C3%B3ria-mulheres-combatentes-na-revolu%C3%A7%C3%A3o-de-outubro.html>)



3.



Com maior ousadia que os homens, (a mulher operária) penetra nas fileiras dos soldados, agarra-se aos fuzis, suplica e quase ordena: "Tirem as suas baionetas, reúnam-se a nós". Os soldados se emocionam, penalizam-se, entreolham-se inquietos e vacilam; um deles, enfim, se decide e as baionetas se levantam para cima dos ombros num gesto de arrependimento (...)

(Leon Trotsky In: CARMO, Sonia; CARMO, Valdizar. *A Rússia dos Sovietes*. São Paulo: Atual, 1996.)



Responda:

- a. O que diferencia a postura das mulheres narrada por John Reed no texto 1, daquela narrada por Alexandra Kollontai no texto 2 e por Leon Trotsky no texto 3? A que se deve esta diferença?
- b. Analisando as imagens e os textos descreva a participação da mulher na Revolução Russa.



Anote suas respostas em seu caderno

Seção 3

Período Entre Guerras

A crise de 1929 e o New Deal

Quem nunca ouviu falar em “crise financeira internacional”, “queda da Bolsa de Valores”, endividamento externo”? De tão familiares, os temas ligados ao mercado de capitais acabaram por ganhar metáforas curiosas: “o mercado amanheceu *nervoso*” ou a “ansiedade tomou conta da Bolsa de Valores”. Se você assiste aos noticiários e lê jornais, deve ter percebido que, desde 2008, um tema recorrente é a crise nos Estados Unidos (EUA), a falência de bancos por lá, o desemprego e a mundialização da crise, atingindo especialmente os países europeus. Não por acaso, voltou-se a falar em outra crise mundial – a Crise de 1929, aquela que levou à quebra da Bolsa de Nova Iorque e *matou*, segundo Hobsbawm, o velho liberalismo (a metáfora foi usada em “A era dos extremos”, p. 111, quando afirma: “O velho liberalismo estava morto, ou parecia condenado”). Embora em 1929 houvesse muito mais dúvidas sobre o que fazer frente à crise, salta aos olhos que num caso e no outro, coube ao Estado americano atuar como planejador e patrocinador das soluções imaginadas. Talvez por isso, o tema tenha ajudado a mobilizar a crítica ao neoliberalismo.

Importante

Liberalismo e neoliberalismo

O Liberalismo Econômico baseia-se na crença de que o funcionamento da economia deve-se ao movimento autônomo do mercado, pela lei da oferta e da procura, capaz de definir preços e regular estoques. Desse modo, o Estado não precisaria intervir na economia, através de planejamento e controle, uma vez que o próprio mercado se auto-regularizaria. São autores do liberalismo clássico: Adam Smith e David Ricardo, entre outros.

O Neoliberalismo pode ser definido como a doutrina econômica derivada do liberalismo clássico que sustenta, desde o final dos anos de 1930, a retomada da ideia da não intervenção do Estado na economia e da concorrência como motor fundamental da sociedade. Projetando-se nos anos de 1970, quando da crise dos Estados de Bem Estar, as teses do neoliberalismo defendem a reforma do Estado com vistas a torná-lo mínimo. Milton Friedman e Friedrich Hayek são autores renomados. EUA e Inglaterra viveram com Ronald Reagan (1981) e Margaret Thatcher (1979), respectivamente, os primeiros regimes neoliberais.

Leia o texto que se segue:



Nenhum Congresso dos Estados Unidos já reunido, ao examinar o estado da União, encontrou uma perspectiva mais agradável do que a de hoje. (...) A grande riqueza criada por nossa empresa e indústria, e poupada por nossa economia, teve a mais ampla distribuição entre o nosso povo, e corre como um rio a servir à caridade e aos negócios do mundo. As demandas da existência passaram do padrão da necessidade para a região do luxo. A produção que aumenta é consumida por uma crescente demanda interna e um comércio exterior em expansão. O país pode encarar o presente com satisfação e prever o futuro com otimismo.

(Presidente Calvin Coolidge, Mensagem ao Congresso, 4/12/1928).



Calvin Coolidge foi o 30º presidente dos EUA. Nesta ocasião, em dezembro de 1928, como você pode ler no trecho acima, comemorava o desenvolvimento alcançado por seu país e previa o futuro com otimismo. Sobre esse assunto, responda:

- Ele estava correto? Por quê?
- Que episódio aconteceu em 1929 que lança dúvidas sobre as previsões otimistas do futuro?
- Por que ele não percebeu os problemas crescentes no país?

Anote suas respostas em seu caderno

Atividade

4

Repare a imagem ao lado. Há nela uma contradição de fundo. No cartaz se lê: “Não existe maneira de ser como a americana”, numa tradução livre. O que a imagem da família no automóvel sugere é que o consumo de determinados bens, a valorização da família tal qual a americana, conduziria ao melhor nível de vida do mundo. A fila alinhada à frente do outdoor, entretanto, é de desempregados durante a Grande Depressão que se seguiu à Crise de 1929.



Figura 16:

Os EUA se projetavam como centro econômico mundial mesmo antes da Primeira Grande Guerra.

Em 1913, são responsáveis por 1/3 da produção industrial do mundo e, em 1929, respondem por 42%. Durante a Guerra, tornaram-se também os maiores credores. Neste período os EUA eram os maiores exportadores do mundo e os vice-líderes em importações. Ou seja, sem eles a economia mundial não existia. O clima de euforia e otimismo tomou conta dos investidores que pensavam estar diante de um período ilimitado de crescimento dos lucros. O *American Way of Life* (modo de vida americano), praticado e exportado, parecia ser a chave da riqueza infinita.

Quando a guerra acabou, e foram estabelecidas as reparações a serem pagas pela Alemanha derrotada, a soma astronômica de 33 bilhões de dólares era insuficiente para pagar as dívidas contraídas pela Inglaterra e pela França durante o conflito. Sabe de onde veio o dinheiro que os alemães usaram para pagar as parcelas da dívida? Os EUA emprestaram. Embora pareça que isto apenas reforça o poder econômico norte americano, não é bem assim.

A progressiva recuperação dos campos agrícolas e das indústrias na Europa limitará a necessidade de importação de produtos americanos.

O aumento da capacidade norte-americana de produzir não foi, por outro lado, acompanhada pelo crescimento dos salários. Para compensar as dificuldades de consumo, ampliou-se generosamente o crédito ao consumidor. Como, em geral, a garantia deixada nos bancos era a hipoteca da casa, em 1933 aconteceram mil execuções por dia. Isto lembra alguma outra crise? Exatamente. Em 2008, mais uma vez, a expansão do crédito imobiliário com altos juros e baixas garantias foi um dos motores da crise.

Também na agricultura, o problema se instalou. A mecanização e a eletrificação do campo haviam ampliado a capacidade de produção acima da capacidade de consumo de bens agrícolas. Endividados, os proprietários rurais começam a perder a terra para os bancos.

A crise de 1929 foi, portanto, uma crise de superprodução e subconsumo. Quando os estoques das fábricas cresceram muito, as empresas perderam valor já que o encalhe era maior do que o lucro. Na quinta-feira, 24 de outu-

bro de 1929, os preços das ações das empresas despencaram vertiginosamente. Era a “Quebra da Bolsa de Nova Iorque”. Entre 1929 e 1931 mais de 4 mil bancos tinham fechado as portas nos EUA. A cobrança dos dólares emprestados na Europa e no mundo foi pouco eficiente para salvá-los, mas ajudou a disseminar mundialmente a crise.



A URSS fora da Crise

A Crise de 1929 e a Grande Depressão não foram sentidas da mesma forma na União Soviética (URSS). Como você deve se lembrar, em 1917, a Revolução Russa retirara o país da Primeira Guerra e do circuito capitalista, dando origem ao primeiro Estado Socialista da História. Assim, enquanto o Ocidente estagnava com a crise, a URSS implantava a economia planificada – os Planos Quinquenais –, crescia aceleradamente e não havia desemprego. O tema da planificação popularizou-se na Europa ocidental e nos EUA. Por outro lado, o risco de avanço dos partidos comunistas ou de inspiração socialista assustava os governos dos países capitalistas. A implantação de regras de proteção social pode ser lida também neste contexto.

O crescimento econômico não cessou nos EUA, ele perdeu ritmo. A produção industrial caiu 1/3 nos EUA e na Alemanha, entre 1929 e 1931. O governo americano diminuiu as compras no exterior, cortou investimentos externos e fechou o crédito. Os empréstimos internacionais caíram mais de 90%, entre 1927 e 1933.

O preço internacional dos produtos agrícolas como o trigo, o chá e a seda caíram 75%, o que arrastou os países agrícolas para a crise. No Brasil, por exemplo, a exportação de café perdeu o mercado norte-americano. O preço do produto caiu dramaticamente. Para tentar elevar o preço do produto, os cafeicultores queimaram safras, exercitando o desperdício como estratégia econômica.

Porém, talvez o maior estrago da crise tenha sido a destruição de postos de trabalho. Nos anos da Depressão (1932-3), os índices eram alarmantes: 22% na Inglaterra, 27% nos EUA, 31% na Noruega, 44% na Alemanha. Mesmo após a recuperação, o desemprego manteve-se alto na Europa. A Alemanha nazista foi o único Estado que conseguiu eliminá-lo.

A crítica aos Estados liberais avolumava-se já que, diante do desemprego e da fome, pareciam não dispor de meios de enfrentamento nos quadros do liberalismo. O fato é que, crescentemente, regras de proteção das economias nacionais e de planejamento foram sendo implantadas, negando a tese central do liberalismo econômico. Não oferecer trabalho nem proteção social poderia implicar num custo muito maior: o medo do socialismo que conquistou a Rússia, o exemplo soviético não permitia esquecer. É desse momento a projeção das ideias **keynesianas** sobre o papel do Estado na regulação econômica e promoção do emprego. A isto se soma ainda a implantação de sistemas de proteção ao trabalhador como a Lei de Seguridade Social (1935), nos EUA. A intervenção estatal caracterizará, a partir daí, a enorme maioria dos Estados Nacionais. Registre-se a experiência dos EUA com o New Deal, mas também, do Varguismo no Brasil ou, ainda, dos fascismos europeus.

Keynesianismo

John Maynard Keynes (1883-1946) foi um economista britânico que defendeu a racionalidade econômica das políticas de pleno emprego, pois seriam capazes de gerar um motor positivo pela demanda de produtos que os trabalhadores poderiam adquirir.



Figura 17: "100 dólares irão comprar este carro, mas precisa ser em dinheiro, perdi tudo no mercado financeiro " In:



Figura 18: As ruas de Nova York lotadas após o crash da bolsa em outubro de 1929.

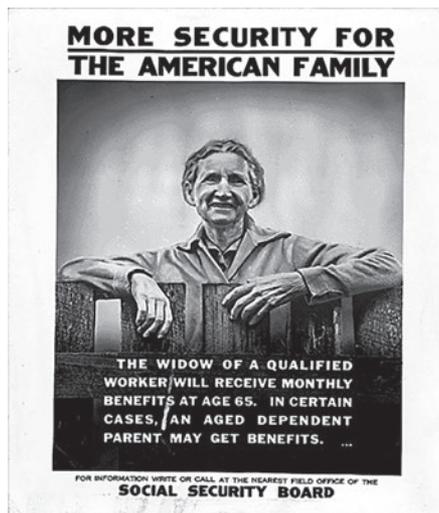


Figura 19: Cartaz anuncia mais segurança social para as famílias americanas

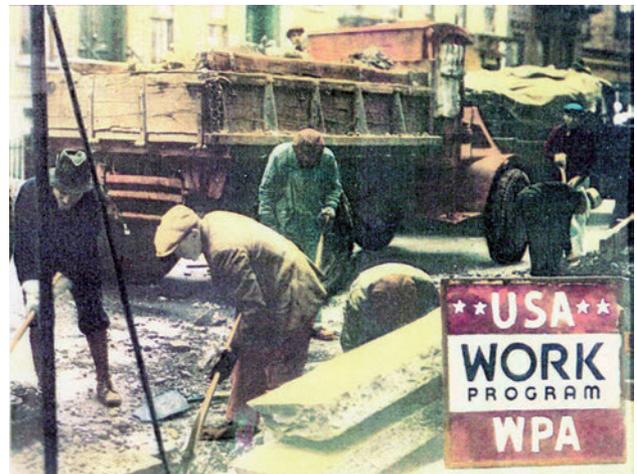


Figura 20: Cartaz do Programa de Trabalho Americano, criado para prover empregos para desempregados

Confrontando a crise, em 1933, os americanos elegeram Franklin Roosevelt e um novo programa de governo: o New Deal (Novo Acordo). Baseado na capacidade do Estado de, através de obras públicas, gerar empregos, distribuir renda e consumo, a fim de promover a retomada do desenvolvimento.

Controlando os preços, a produção e o funcionamento dos bancos, inspecionando a bolsa de valores, investindo na construção de moradias e, enfim, regendo a economia, o planejamento estatal tornou-se árbitro do jogo econômico.

Repare nos cartazes acima! Como você já sabe, um dos efeitos mais dramáticos da crise de 1929 era o desemprego em massa. Na concepção do New Deal, era fundamental aumentar o emprego e associar a ele as leis de proteção social, como o seguro desemprego e a previdência social. Nos anos que se seguiram foi impressionante a recuperação das economias capitalistas sob o comando do Estado. Mas, isto é outra conversa, que você verá na unidade seguinte, como por exemplo, nas medidas de proteção ao trabalhador implementadas por Vargas.

As sementes do fascismo e do nazismo

O mundo mudava de forma acelerada no período entre a Primeira e a Segunda Guerra. Para compreender a ascensão do fascismo e do nazismo ao poder na Itália e na Alemanha é preciso entender que as ideias liberais nascidas na Revolução Francesa enfrentavam uma grave crise. O lema revolucionário “Liberdade, Fraternidade e Igualdade”, governos constitucionais e representativos, liberdades de expressão, de reunião e de publicação, eram alguns dos valores que nasceram da civilização liberal. O mundo vê os pilares da democracia liberal abalados com a ascensão de regimes de direita que foram, em geral, rotulados de fascistas.

O que todos esses movimentos tinham em comum? Segundo o historiador Eric Hobsbawm, todos eram autoritários, antiliberais e se posicionavam contra a Revolução social ocorrida em 1917 na Rússia. A ascensão dessa direita radical após a Primeira Guerra foi, com certeza, uma resposta ao perigo do avanço comunista. Como se posicionavam contra a subversão, esses movimentos ganharam apoio dos militares. Todos tendiam, também, ao nacionalismo. Não tinham, na realidade, um programa ideológico claro, mas todos professavam o anticomunismo, além de terem ideias e preconceitos tradicionais estimulando medidas autoritárias como a censura.

Os movimentos políticos que podem verdadeiramente receber o nome de fascismo são dois. O primeiro deles nasce na Itália e foi criado pelo jornalista Benito Mussolini. O segundo tem como berço a Alemanha e assume características e dimensões próprias, recebendo o nome de nazi-fascismo.

O fascismo tem como característica o discurso tradicional. Para eles, as mulheres deveriam permanecer em casa e ter muitos filhos. Desconfiavam da influência da cultura e da arte moderna. Ao nacionalismo, militarização e corporativismo, Hitler acrescentou uma inovação às ideias de Mussolini: o racismo. De fato, as migrações maciças do fim do século XIX introduziram a difusão da xenofobia, ou seja, o sentimento de repulsa ao estrangeiro, do qual o racismo se tornou a expressão mais comum. Historicamente estrangeiros em seus próprios países, os judeus já eram alvos de hostilidades de movimentos antissemitas antes do nazismo, que se intensificaram ao nível do extermínio durante a Segunda Guerra Mundial.

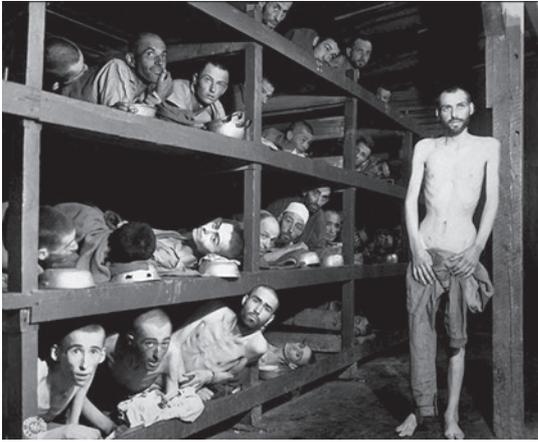


Figura 21: Prisioneiros no campo de concentração de Auschwitz



Figura 22. Fileiras de corpos enchem o campo de concentração de Nordhausen, Alemanha, 12 de abril de 1945

Uma característica central do nazismo e do fascismo é sua dimensão de mobilização popular. As massas iam às ruas ver esse teatro público repleto de comícios, discursos e gestos. Temos que lembrar que estamos no início da difusão dos veículos de comunicação de massa. O rádio e o cinema tiveram, assim, grandes influências na divulgação das ideias fascistas.

A ascensão do fascismo na Itália estava ligada à Primeira Guerra. Os italianos estavam insatisfeitos com a divisão territorial feita pelos tratados do pós-guerra. Consideravam-se prejudicados. Essa insatisfação popular facilitou a ascensão ao poder de Mussolini que, em 1922, liderou a Marcha sobre Roma, arrebanhando milhares de pessoas para as ruas. A partir disso, o rei italiano concedeu a Mussolini o cargo de primeiro-ministro. Era o que precisava. A partir de então, Mussolini perseguiu seus opositores, centralizou poderes, tornando-se um ditador.



Figura 23. População saudando Hitler durante as Olimpíadas de 1936, em Berlim



Figura 24. Selo que engrandece o trabalhador nazista

Na Alemanha, a Primeira Guerra também está na base da ascensão de Hitler e implantação do nazismo. A Alemanha tinha saído do conflito como grande culpada. O Tratado de Versalhes impôs aos alemães uma imensa dívida além de ser considerado uma humilhação ao país derrotado. Nessa situação de decadência e desespero foi criado o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista tendo como líder Adolf Hitler, que é nomeado inicialmente primeiro ministro, em 1933, e depois presidente, em 1934.

Chegando ao poder, Hitler se transforma em um ditador que intensifica a censura, abole sindicatos e cria uma polícia fiel que perseguia ferozmente seus opositores e todos aqueles considerados inferiores: os *Schutzstaffel* ou simplesmente SS. Sua política expansionista se baseava na teoria do espaço vital, ou seja, as nações superpovoadas tinham o dever de buscar novas terras para suprir seus habitantes de alimentos.

Durante um período em que passou preso, depois de uma tentativa de golpe em Munique, em 1923, Hitler escreveu "Mein Kampf" ("Minha Luta"). É nesse livro que estão estampadas as ideias de raça superior que marca a ideologia nazista. Hitler acreditava na superioridade racial ariana germânica, que estaria destinada a dominar o mundo.

Nessa época ganham força o evolucionismo, o darwinismo e o determinismo social. Essas teorias que nasceram na Antropologia, acreditam que a sociedade tem um estado primitivo e que iria evoluindo rumo à civilização. Nesse contexto, a sociedade mais evoluída seria a europeia. O determinismo acreditava que a partir de características exteriores, como cor, tamanho do cérebro ou tipo de cabelo, era possível chegar a conclusões sobre aspectos morais das diferentes raças. A partir dessas teorias criaram-se, por exemplo, tentativas de identificar as características físicas de homens que possivelmente seriam criminosos antes mesmo deles cometerem crimes.

Essas teorias serão a base da ideia de *eugenia* (boa raça), que sustenta a política de extermínio nazista. A eugenia era uma política de purificação racial que tinha como objetivo cuidar da raça pelo estímulo de certas uniões e impedimento de outras. Assim, os nazistas buscaram melhorar a "raça ariana" esterilizando ou matando aqueles considerados inferiores, como os homossexuais, doentes mentais, deficientes físicos, criminosos e até mesmo os opositores políticos.



A questão racial foi o cerne das ações nazistas que levaram ao Holocausto durante a Segunda Guerra, onde foram mortos mais de 6 milhões de judeus em campos de extermínio.

(UFRJ) Somos uma raça superior e devemos governar com dureza [...]. Arrancarei deste país tudo que puder. Não vim para espalhar bem-aventurança [...]. A população deve trabalhar sempre [...]. Não viemos para distribuir o maná [vantagens], viemos para criar as bases da vitória. Somos uma raça superior que precisa lembrar que o mais humilde operário alemão é, racial e biologicamente, mais valioso que a população daqui.

(KOCH, Erich. Comissário do Reich na Ucrânia, mar. 1943. In: SHIRER, William L. *Ascensão e queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, v. 4. Adaptado.)

O texto permite identificar alguns valores que permearam a ação alemã na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Identifique dois destes valores como componentes da ideologia nazista.



Anote suas respostas em seu caderno

Resumo

Nesta Unidade estudamos:

Sobre a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1919):

- A persistência das ideias nazistas, particularmente do racismo e da xenofobia, na forma do Neonazismo nos dias atuais;
- A Primeira Guerra envolveu todas as grandes potências e quase todos os Estados europeus e era um conflito entre interesses de antigas e novas potências industriais expansionistas, opondo dois blocos antagônicos: Tríplice Aliança (Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro) e Tríplice Entente (França, Grã-Bretanha e Império Russo);
- A emergência de sentimentos e movimentos nacionalista durante o conflito;
- O desequilíbrio causado pela saída do Império Russo da guerra (1917) em virtude da Revolução Socialista ocorrida naquele país e a entrada dos EUA no conflito;

- O redesenho do mapa político europeu pós-guerra, com a divisão dos antigos Império Austro-Húngaro, Império Russo e Império Turco Otomano;
- O Tratado de Versalhes pôs fim à Primeira Guerra, condenou a Alemanha como culpada, impôs indenizações aos países vitoriosos e ampliou a crise social naquele país.

Sobre a Revolução Russa (1917):

- A sociedade russa pré-revolucionária era formada basicamente por camponeses recém-libertos da servidão, nobres ligados a terra e à guerra e uma monarquia imperial e expansionista cujo rei era chamado Czar;
- Por volta de 1905 a crise econômica e social se acirra e episódios como a derrota da Rússia frente ao Japão; o Domingo Sangrento; o levante do Encouraçado Potenkin; as greves operárias e levantes camponeses evidenciam o enfraquecimento do poder do Czar;
- A criação de sovietes e partidos políticos demonstrava as alternativas políticas ao poder monárquico e disputavam o apoio popular.

Veja ainda

Sites

A Revolução Russa de 1917:

- <http://www.eduquenet.net/revolucaorussa.htm>

Da Revolução Russa ao Stalinismo:

- http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/rev_russa.htm

Coleção de cartazes sobre a revolução Russa no acervo digital da Biblioteca Pública de Nova York:

- <http://tinyuri.com/6sjssjc>

Filmes

- *Eles se atreveram: a Revolução Russa de 1917*. Direção da Equipe do Instituto de Pensamento Socialista Karl Marx, Argentina, 2007. (116 minutos) Documentário argentino, divertido e propagandista. Apropria-se de documentos e cenas históricas.

- *Encouraçado Potemkin*. De Sergei Eisenstein, 1925. Considerado uma obra prima do cinema moderno.
- *Tempos Modernos*. EUA, Direção Charles Chaplin, 1936, 87 min. O filme se passa nos EUA, na década de 1930, durante a Grande Depressão e retrata a vida de um operário que lidera uma greve.

Documentário

- A quebra da bolsa de Nova York em 1929 – os loucos anos vinte (dublado). Disponível na Internet.

Referências Bibliográficas

Livros

- CARMO, Sônia Irene Silva do; CARMO, Valdizar Pinto do. *A Rússia dos Sovietes: impasses de um projeto socialista*. São Paulo: Atual, 1996. (Coleção História geral em documentos).
- DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo tropical? O partido nazista no Brasil. Tese de Doutorado*. São Paulo: USP, 2007.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- REIS FILHO, Daniel A. *Rússia (1917-1921): Anos vermelhos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SALAS, Antonio. *Diário de um skinhead. Um infiltrado no movimento neonazista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- SALOMONI, Antonella. *Lenin e a Revolução Russa*. São Paulo: Ática, 1995.
- VALLADARES, Eduardo; BERBEL, Márcia. *Revoluções do século XX*. São Paulo: Scipione, 1994.

Imagens

Figura 1: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Preconceito>

Figura 2: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Skinhead>

Figura 3: <http://www.diarioliberalidade.org/brasil/antifascismo-e-anti-racismo/22108-comunista-sofre-ataque-de-skinheads-em-curitiba.html>

Figura 4: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Triple_Alliance.png

Figura 5: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/00/Archduke_Franz_with_his_wife.jpg

Figura 6: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:WW1_TitlePicture_For_Wikipedia_Article.jpg

Figura 7: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Australian_infantry_small_box_respirators_Ypres_1917.jpg

Figura 8: Fonte: The National Archives – United Kingdom – Adaptado.

Figura 9: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:%D0%A1%D0%B2%D1%8F%D1%82%D1%8B%D0%B5_%D0%A1%D1%82%D1%80%D0%B0%D1%81%D1%82%D0%BE%D1%82%D0%B5%D1%80%D0%BF%D1%86%D1%8B_%D0%A0%D0%BE%D0%BC%D0%B0%D0%BD%D0%BE%D0%B2%D1%8B.jpg?uselang=pt-br

Figura 10: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Russia_1533-1896.gif

Figura 11: Adaptado a partir de http://pt.wikipedia.org/wiki/Uni%C3%A3o_Sovi%C3%A9tica • Acesso em 20. set. 2013.

Figura 12: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Russian_Revolution,_1905_Q81561.jpg

Figura 13: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:BloodySunday1905b.jpg>

Figura 14: Imagem elaborada a partir de <http://www.etno.com.br/tags/revolucao-russa/>

Figura 15: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917

Figura 16: <http://historiativanet.wordpress.com/2011/12/12/revolucao-russa-parte-ii-revolucoes-de-1917/>

Figura 17: <http://newint.org/features/1999/01/01/labour/> Adaptado.

Figura 18: http://pt.wikipedia.org/wiki/American_way_of_life

Figura 19: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=32117>

Figura 20: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Depression-stock-market-crash-1929.jpg>

Figura 21: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:SocialSecurityposter1.gif>

Figura 22: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Wpa1.JPG>

Figura 23: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Buchenwald_Slave_Laborers_Liberation.jpg

Figura 22: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Holocausto>

Figura 23: http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_ph.php?MediaId=968

Figura 24: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Stamp_RAD.jpg

Atividade 1

O aluno deverá identificar a falta de esperança na humanidade do combatente que demonstra indignação e horror frente à guerra. As condições de vida eram insalubres e a morte é considerada banal.

Atividade 2

- a. A grande expansão russa durante o século XIX com a conquista e anexação e exploração de diversos territórios e a configuração do Império Russo que se estendeu da Polônia, na Europa, até o extremo norte, banhada pelos oceanos Atlântico e Ártico, influência essa que perdurou até o fim do século XIX e inícios do século XX, em 1917.
- b. Guerra Russo-Japonesa (1904). Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Revolução Russa (1917), a saída da Rússia da Guerra e os Tratados de Paz pós Primeira Guerra Mundial, Formação da URSS (1922), Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Guerra Fria (1946-1989), Dissolução da URSS e formação da Federação Russa (1991).

Atividade 3

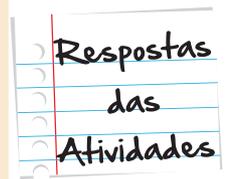
- a. Os textos evidenciam duas posturas de mulheres frente à Revolução Socialista. Por um lado, mulheres que atuam na construção da Revolução (textos 2 e 3). Por outro, as que ignoram ou repudiam o processo revolucionário e sua ideologia (texto 1). Nos diferentes textos são representadas mulheres de diferentes classes sociais: operárias e camponesas (texto 2 e 3) ou da classe média ou burguesa (texto 1).
- b. As imagens apresentam a mulher combativa, revolucionária que participa ativamente da construção da Revolução bolchevique.

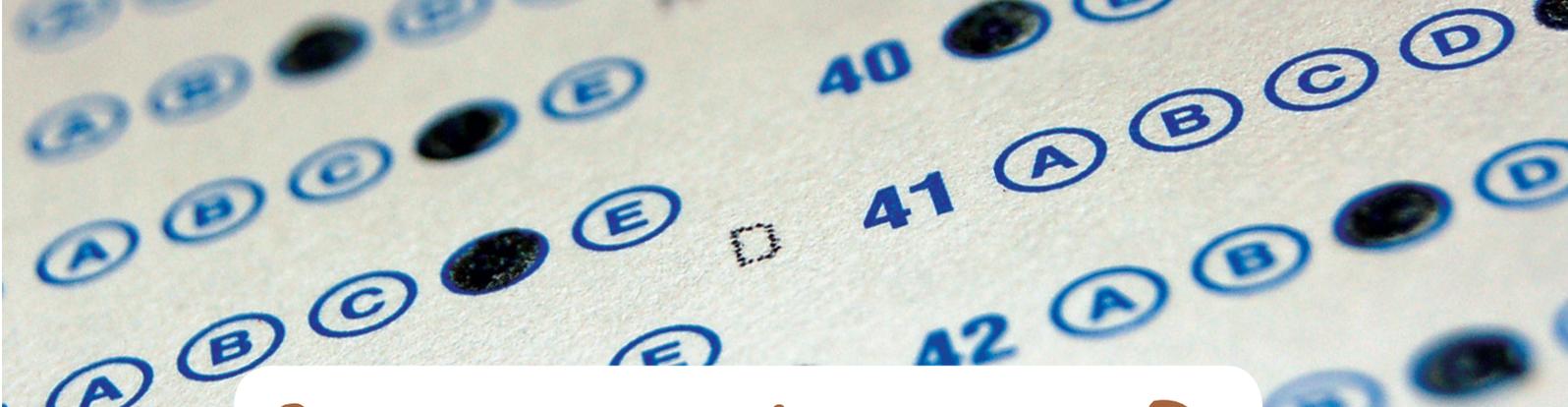
Atividade 4

- a. Não. Sua avaliação embora valorizasse o real crescimento alcançado pela economia americana, não suspeitava dos graves efeitos da especulação e da crise que se apresentariam a seguir.
- b. A crise de 1929 e a quebra da bolsa de Nova Iorque.
- c. Provavelmente devido a sua confiança no liberalismo e seus mecanismos “espontâneos” para manter o crescimento econômico, como a não intervenção do Estado na economia e a lei da oferta e da procura.

Atividade 5

O aluno deve identificar como valor da ideologia nazista a superioridade da nação alemã e da raça ariana; a ideia de expansão militar e conquista de novos territórios pelos alemães, subjugando as populações nativas à exploração através da violência, encontradas na frase seguinte: “Arrancarei deste país tudo que puder. Não vim para espalhar bem-aventurança”.





O que perguntam por aí?

Questão 1 - (ENEM 2011)

TEXTO I

A Europa entrou em estado de exceção, personificado por obscuras forças econômicas sem rosto ou localização física conhecida que não prestam contas a ninguém e se espalham pelo globo por meio de milhões de transações diárias no ciberespaço.

ROSSI, C. Nem fim do mundo nem mundo novo. Folha de São Paulo, 11 dez. 2011 (adaptado).

TEXTO II

Estamos imersos numa crise financeira como nunca tínhamos visto desde a Grande Depressão iniciada em 1929 nos Estados Unidos.

Entrevista de George Soros. Disponível em: www.nybooks.com. Acesso em: 17 ago. 2011 (adaptado).

A comparação entre os significados da atual crise econômica e do crash de 1929 oculta a principal diferença entre essas duas crises, pois

- o crash da Bolsa em 1929 adveio do envolvimento dos EUA na I Guerra Mundial e a atual crise é o resultado dos gastos militares desse país nas guerras do Afeganistão e Iraque.
- a crise de 1929 ocorreu devido a um quadro de superprodução industrial nos EUA e a atual crise resultou da especulação financeira e da expansão desmedida do crédito bancário.
- a crise de 1929 foi o resultado da concorrência dos países europeus reconstruídos após a I Guerra e a atual crise se associa à emergência dos BRICS como novos concorrentes econômicos.

- d. o crash da Bolsa em 1929 resultou do excesso de proteções ao setor produtivo estadunidense e a atual crise tem origem na internalização das empresas e no avanço da política de livre mercado.
- e. a crise de 1929 decorreu da política intervencionista norte-americana sobre o sistema de comércio mundial e a atual crise resultou do excesso de regulação do governo desse país sobre o sistema monetário.

Resposta: B

Questão 2 - (ENEM 2008)

Em discurso proferido em 17 de março de 1939, o primeiro-ministro inglês à época, Neville Chamberlain, sustentou sua posição política: “Não necessito defender minhas visitas à Alemanha no outono passado, que alternativa existia? Nada do que pudéssemos ter feito, nada do que a França pudesse ter feito, ou mesmo a Rússia, teria salvado a Tchecoslováquia da destruição. Mas eu também tinha outro propósito ao ir até Munique. Era o de prosseguir com a política por vezes chamada de “apaziguamento europeu”, e Hitler repetiu o que já havia dito, ou seja, que os Sudetos, região de população alemã na Tchecoslováquia, eram a sua última ambição territorial na Europa, e que não queria incluir na Alemanha outros povos que não os alemães.”

Internet: <www.johndclare.net> (com adaptações).

Sabendo-se que o compromisso assumido por Hitler em 1938, mencionado no texto acima, foi rompido pelo líder alemão em 1939, infere-se que

- a. Hitler ambicionava o controle de mais territórios na Europa além da região dos Sudetos.
- b. a aliança entre a Inglaterra, a França e a Rússia poderia ter salvado a Tchecoslováquia.
- c. o rompimento desse compromisso inspirou a política de ‘apaziguamento europeu’.
- d. a política de Chamberlain de apaziguar o líder alemão era contrária à posição assumida pelas potências aliadas.
- e. a forma que Chamberlain escolheu para lidar com o problema dos Sudetos deu origem à destruição da Tchecoslováquia.

Resposta: A

Questão 3 - (UERJ -2013)

O direito ao solo ou à terra pode se tornar um dever quando um grande povo, por falta de extensão, parece destinado à ruína. Ou a Alemanha será uma potência mundial, ou então não será. Mas para se tornar uma potência mundial, ela precisa dessa grandeza territorial que lhe dará na atualidade a importância necessária e que dará aos seus cidadãos os meios para existir. O próprio destino parece querer nos apontar esse caminho.

Adolf Hitler, Minha luta, 1925.

As ideias contidas no projeto político do nazismo buscavam solucionar os problemas enfrentados pela Alemanha após o fim da Primeira Guerra Mundial.

Uma dessas ideias, abordada no texto, está associada ao conceito de:

- a. xenofobia
- b. espaço vital
- c. purificação racial
- d. revanchismo militar

Resposta: B

Questão 4 - (ENEM 2009)

A primeira metade do século XX foi marcada por conflitos e processos que a inscreveram como um dos mais violentos períodos da história humana.

Entre os principais fatores que estiveram na origem dos conflitos ocorridos durante a primeira metade do século XX estão

- a. a crise do colonialismo, a ascensão do nacionalismo e do totalitarismo.
- b. o enfraquecimento do império britânico, a Grande Depressão e a corrida nuclear.
- c. o declínio britânico, o fracasso da Liga das Nações e a Revolução Cubana.
- d. a corrida armamentista, o terceiro-mundismo e o expansionismo soviético.
- e. a Revolução Bolchevique, o imperialismo e a unificação da Alemanha.

Resposta: A

Questão 5 - (ENEM 2009)

Os regimes totalitários da primeira metade do século XX apoiaram-se fortemente na mobilização da juventude em torno da defesa de ideias grandiosas para o futuro da nação. Nesses projetos, os jovens deveriam entender que só havia uma pessoa digna de ser amada e obedecida, que era o líder. Tais movimentos sociais juvenis contribuíram para a implantação e a sustentação do nazismo, na Alemanha, e do fascismo, na Itália, Espanha e Portugal.

A atuação desses movimentos juvenis caracterizava-se

- a. pelo sectarismo e pela forma violenta e radical com que enfrentavam os opositores ao regime.
- b. pelas propostas de conscientização da população acerca dos seus direitos como cidadãos.
- c. pela promoção de um modo de vida saudável, que mostrava os jovens como exemplos a seguir.
- d. pelo diálogo, ao organizar debates que opunham jovens idealistas e velhas lideranças conservadoras.
- e. pelos métodos políticos populistas e pela organização de comícios multitudinários.

Resposta: A

